

# URSULA K. LE GUIN

*“As lições de Terramar continuam tão  
potentes, sábias e necessárias quanto  
qualquer um poderia sonhar.”*

– NEIL GAIMAN



AS TUMBAS  
DE ATUAN

## SUMÁRIO

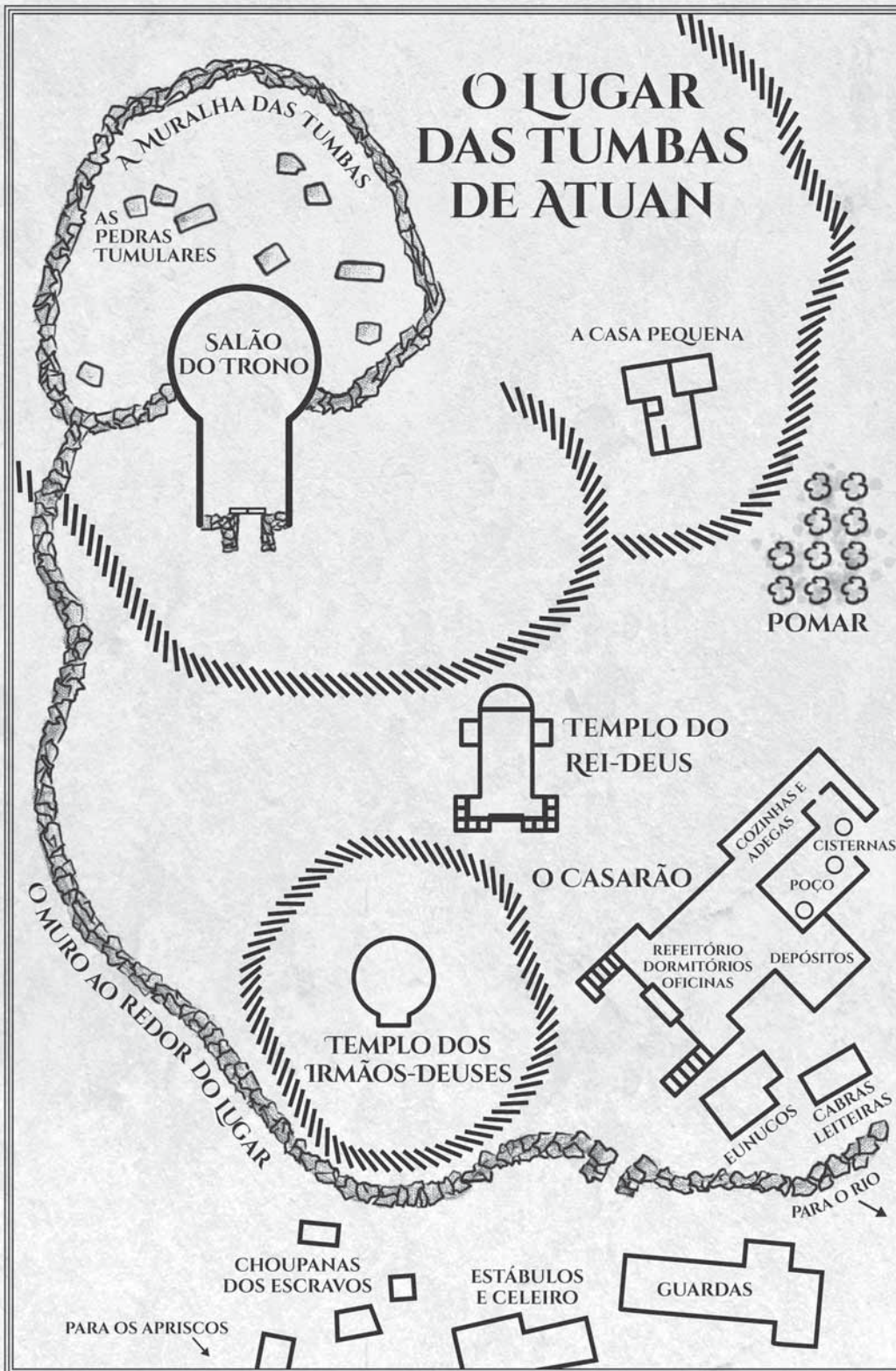
|   |     |
|---|-----|
| Prólogo .....                               | 13  |
| Capítulo 1 – A Devorada .....               | 15  |
| Capítulo 2 – O muro ao redor do Lugar ..... | 21  |
| Capítulo 3 – Os prisioneiros.....           | 33  |
| Capítulo 4 – Sonhos e histórias.....        | 45  |
| Capítulo 5 – Luz sob a colina .....         | 59  |
| Capítulo 6 – A armadilha para o homem.....  | 71  |
| Capítulo 7 – O Grande Tesouro .....         | 87  |
| Capítulo 8 – Nomes .....                    | 99  |
| Capítulo 9 – O Anel de Erreth-Akbe .....    | 105 |
| Capítulo 10 – A fúria das trevas.....       | 117 |
| Capítulo 11 – As montanhas ocidentais ..... | 127 |
| Capítulo 12 – Viagem.....                   | 139 |
| Posfácio .....                              | 149 |





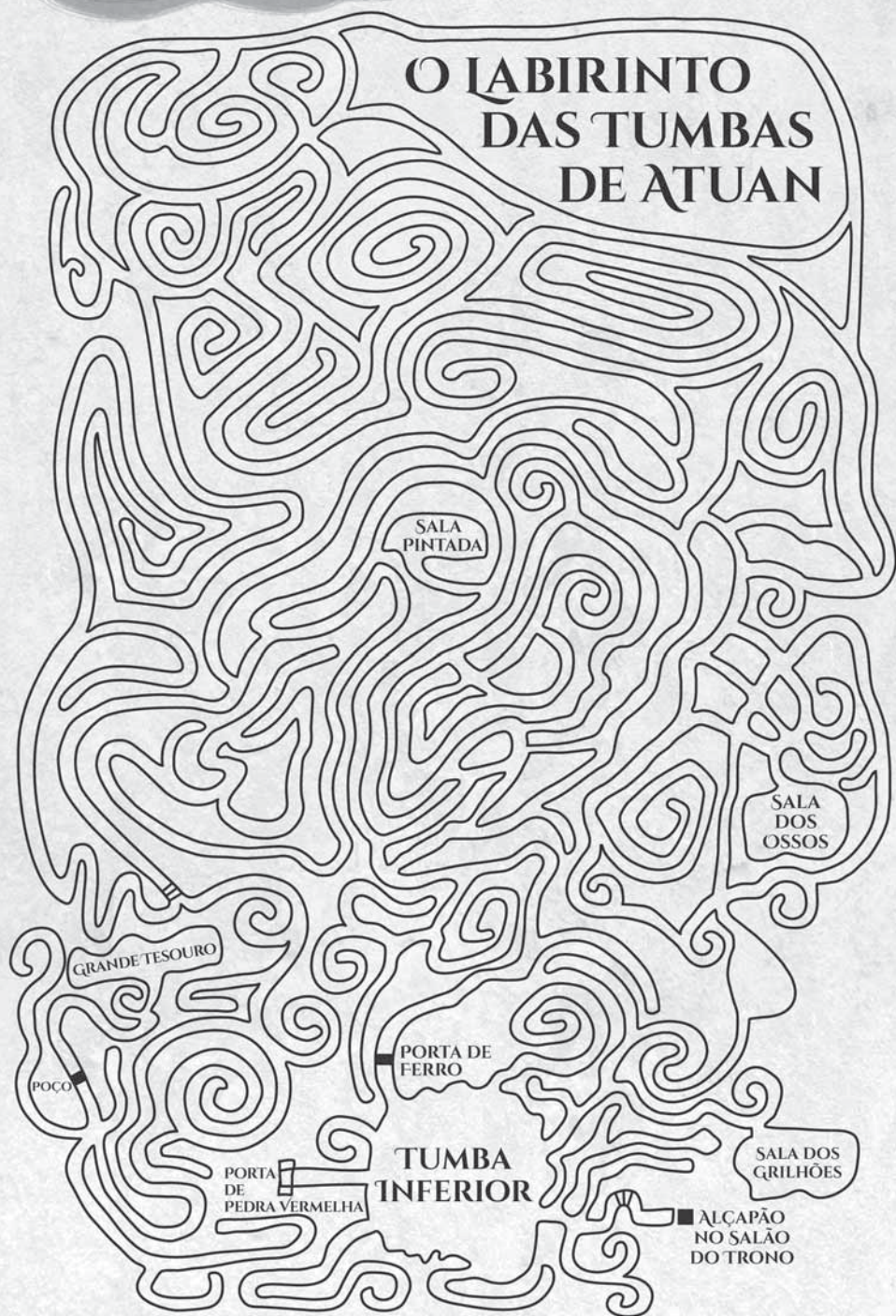


# O LUGAR DAS TUMBAS DE ATUAN





# O LABIRINTO DAS TUMBAS DE ATUAN



## PRÓLOGO

— Venha para casa, Tenar! Venha para casa!

No vale profundo, à luz do crepúsculo, as macieiras estavam prestes a florescer; aqui e ali, entre os ramos ensombrécidos, uma flor se abrira cedo, rosada e branca qual uma estrela débil. Pelas aleias do pomar, na grama espessa, nova e úmida, a garotinha corria apenas pela alegria de correr. Ao ouvir o chamado, não se aproximou de pronto, mas descreveu um amplo círculo antes de virar o rosto para casa. À espera na porta da choupana, com a luz da lareira às costas, a mãe observava a figura pequenina que corria e saltitava como lanugem de cardo soprada sobre a relva obscurecida entre as árvores.

Junto a um canto externo da choupana, onde retirava a crosta de terra de uma enxada, o pai questionou:

– Por que você deixa seu coração se apegar à menina? Vão levá-la embora no mês que vem. Para sempre. Melhor seria enterrá-la e acabar logo com o sofrimento. De que adianta se apegar a alguém que você está fadada a perder? Ela não tem serventia para nós. Se pagassem por ela, ainda seria alguma coisa, mas não é o que farão. Vão levá-la e pronto.

A mãe nada disse, observando a criança, que havia parado para erguer os olhos por entre as árvores. Acima dos altos montes e dos pomares brilhava a estrela vespertina, com uma claridade intensa.

– Ela não é nossa, nunca foi, desde que vieram aqui dizer que deve ser a



Sacerdotisa das Tumbas. Por que você não consegue enxergar isso? – A voz do homem tinha a rispidez do queixume e da amargura. – Você tem outros quatro. Eles ficarão aqui, mas essa não. Então não prenda seu coração a ela. Deixe-a para lá!

– Quando chegar o momento, eu a deixo para lá – replicou a esposa.

Ela se inclinou para acolher a criança, que vinha correndo com seus pezinhos brancos e descalços pelo chão lamacento, e a pegou no colo. Ao se virar para entrar na choupana, beijou a cabeça da menina, os negros cabelos que contrastavam com as mechas loiras da mãe, vistas sob o lampejo da lareira.

O homem permaneceu do lado de fora, os pés descalços e frios no chão, o céu límpido da primavera escurecendo acima dele. Na penumbra, seu rosto estava tomado por uma tristeza sombria, pesada, raivosa, que ele jamais encontraria palavras para expressar. Por fim, deu de ombros e seguiu a mulher, entrando no cômodo iluminado pelo fogo, onde ressoavam vozes infantis.

## CAPÍTULO I

### A DEVORADA

Uma trompa aguda estridulou e se calou. O silêncio subsequente só foi abalado pelo som dos muitos passos que marcavam o tempo pelo rufar de um tambor, percutido de leve, ao ritmo lento das batidas do coração. Pelas frestas do telhado do Salão do Trono, aqueles hiatos entre as colunas onde toda uma parte da alvenaria e das telhas ruíra, a luz hesitante do sol brilhava em feixes oblíquos. Já se passara uma hora desde o alvorecer. O ar ainda era parado e frio. As folhas mortas das ervas daninhas, que haviam aberto caminho por entre as lajes de mármore do piso, eram delineadas pela geada e estalavam, prendendo-se às longas túnicas negras das sacerdotisas.

Elas vieram, quatro a quatro, pelo vasto salão entre fileiras duplas de colunas. O tambor tinha um rufar surdo. Ninguém falava, ninguém observava. As tochas carregadas pelas jovens de preto ardiam avermelhadas nos feixes de luz do sol e mais luminosas na penumbra entre eles. Do lado de fora, na escadaria do Salão do Trono, postavam-se os homens: guardas, trombeteiros, tocadores de tambor. Pelas enormes portas só haviam passado mulheres, com suas túnicas e capuzes escuros, caminhando em grupos de quatro, a passo lento, em direção ao Trono Vazio.

Vieram duas mulheres altas, avultando em trajes negros – uma magra e rígida, a outra pesada, gingando. Entre elas caminhava uma menina de 6 anos, talvez. Usava uma túnica branca de linhas retas. Estava descalça, com

a cabeça, os braços e as pernas descobertos. Era muito pequena. Aos pés dos degraus que levavam ao trono, onde agora as outras aguardavam em fileiras escuras, as duas mulheres altas se detiveram. Empurraram a menina um pouquinho para a frente.

O trono, em sua plataforma alta, parecia cortinado de ambos os lados por enormes redes de negrume que pendiam da escuridão do teto; se eram mesmo cortinas ou apenas sombras mais densas, o olho não saberia dizer ao certo. O próprio trono era negro, enorme, com um brilho opaco de pedras preciosas ou de ouro nos braços e no espaldar. Sentado ali, um homem se apegunaria, pois ele não tinha dimensões humanas. Estava vazio. Apenas sombras se assentavam nele.

Sozinha, a menina subiu quatro dos sete degraus de mármore de veios vermelhos. Eram tão largos e altos que ela precisava pôr os dois pés em um para tentar escalar o seguinte. No degrau do meio, bem em frente ao trono, havia um grande bloco rústico de madeira, escavado na parte de cima. A menina se prostrou sobre os joelhos e encaixou a cabeça na parte côncava do bloco, virando-a um pouco de lado. Assim permaneceu, sem se mexer.

Súbito, uma figura com uma túnica cintada de lã branca saiu das sombras, à direita do trono, e desceu os degraus até a menina. O rosto estava coberto por uma máscara da mesma cor. Empunhava uma espada de aço polido de 1,5 metro de comprimento. Sem palavras ou hesitação, brandiu a espada com as duas mãos e a ergueu acima do pescoço da garotinha. O tambor parou de tocar.

Enquanto a lâmina atingia o ponto mais alto e se imobilizava, um vulto de preto disparou da esquerda do trono, desceu os degraus de um salto e deteve os braços do sacrificante, com seus braços mais finos. O gume afiado da espada cintilou no ar. E assim as duas se mantiveram em equilíbrio por um momento, a figura branca e a negra, ambas sem rosto, numa espécie de dança acima da criança imóvel, cujo cabelo preto repartido deixava à mostra o pescoço branco.

Em silêncio, cada uma saltou para um lado e tornou a subir os degraus, desaparecendo na escuridão atrás do enorme trono. Uma sacerdotisa avançou e derramou o líquido de uma tigela nos degraus ao lado da menina ajoelhada. A mancha pareceu negra em meio à penumbra do salão.

A menina se levantou e desceu os quatro degraus com dificuldade. Quan-



do parou na base da escada, as duas sacerdotisas altas a vestiram com túnica, capuz e manto negros e a viraram de frente para a escada, a mancha escura e o trono.

– Que os Inominados contemplem a menina que lhes é oferecida, ela que é, verdadeiramente, a que nasceu para sempre sem nome. Que dela aceitem a vida e os anos de vida, até sua morte, que também pertence a eles. Que a considerem aceitável. Que ela seja devorada!

Outras vozes, estríduladas e agudas como clarins, responderam:

– Ela é devorada! Ela é devorada!

Debaixo do capuz preto, a menina ergueu os olhos para o trono. As gemas incrustadas no espaldar e nos enormes braços em forma de garras tinham uma película de poeira, e no encosto havia teias de aranha e manchas esbranquiçadas de fezes de coruja. Os três degraus mais altos, bem defronte do trono, acima de onde ela se ajoelhara, nunca tinham sido galgados por pés mortais. Mais pareciam uma ladeira de terra cinzenta, pois o mármore estriado de vermelho era totalmente oculto pelos amontoados de pó de sabe-se lá quantos anos, quantos séculos.

– Ela é devorada! Ela é devorada!

De repente, o tambor recomeçou a tocar, marcando um ritmo mais acelerado.

Em silêncio e arrastando os pés, a procissão se formou e se afastou do trono, rumando em direção ao quadrado distante e luminoso do portal. De ambos os lados, as grossas colunas duplas, como panturrilhas de imensas pernas alvas, subiam para a penumbra crepuscular sob o teto. Em meio às sacerdotisas, e agora toda de preto, caminhava a menina. Seus pezinhos calcavam os tufo congelados de mato e as pedras geladas de modo solene. Quando o sol entrava de viés pelo telhado destruído e lampejava em seu caminho, ela não erguia os olhos.

Guardas mantinham abertas as enormes portas. A procissão negra saiu para a luz tênue e o vento frio do amanhecer. Os raios de sol faiscavam, oscilando sobre a vastidão do leste. A oeste, as montanhas captavam sua luz amarela, assim como a fachada do Salão do Trono. As demais construções, em pontos mais baixos da encosta, ainda estavam na sombra arroxeada, exceto o Templo dos Irmãos-Deuses, situado num pequeno outeiro em frente: seu telhado, recém-revestido de ouro, refletia a luz diurna em gloriosos clarões. A fila de sacerdotisas, dispostas quatro a quatro, serpeava

pela descida da Colina das Tumbas e, ao avançar, começou a entoar um cântico em voz baixa. A melodia tinha apenas três notas, e a palavra incessantemente repetida era tão antiga que havia perdido o significado, como uma placa de sinalização que permanece de pé depois que a estrada acaba. Vez após outra elas cantaram a palavra vazia. Todo aquele dia de Recriação da Sacerdotisa foi repleto da música baixa das vozes femininas, um zumbir seco e ininterrupto.

A menina foi levada de sala em sala, de templo em templo. Num local, puseram sal em sua língua; em outro, ela se ajoelhou voltada para o oeste, enquanto seu cabelo era cortado e banhado com azeite e vinagre aromático; num terceiro, deitaram-na de bruços sobre uma laje de mármore negro, atrás de um altar, e vozes estrídulas entoaram um lamento para os mortos. Durante todo aquele dia, nem ela nem qualquer das sacerdotisas ingeriram alimentos ou beberam água. Quando a estrela vespertina se pôs, a menina foi colocada na cama, nua entre mantas de pele de ovelha, num quarto em que nunca havia dormido. Ficava numa casa que passara anos trancada e só agora fora aberta. O pé-direito do quarto era maior que o comprimento e não havia janelas. Pairava ali um cheiro de morte, um ar parado e rançoso. As mulheres silenciosas deixaram a menina no escuro.

Ela permaneceu quieta, na posição em que a abandonaram. Manteve os olhos bem abertos. E assim ficou por muito tempo.

Viu uma chama tremular na parede alta. Alguém chegou pé ante pé pelo corredor, protegendo uma candeia para que não irradiasse mais luz que um vaga-lume. Um cochicho rouco soou:

– Ei, Tenar, você está aí?

A menina não respondeu.

Uma cabeça surgiu no vão da porta, uma cabeça estranha, calva como uma batata descascada e da mesma cor amarelada. Os olhos pareciam brotos de batata, castanhos e minúsculos. O nariz era apequenado pelas enormes bochechas achatadas e a boca era um talho sem lábios. A menina fitou impassível aquele rosto, com seus olhos grandes e negros.

– Ei, Tenar, meu favinho de mel, você está aí? – A voz era rouca, fina como a de uma mulher. – Eu não deveria estar aqui, meu lugar é do outro lado da porta, na varanda, é para lá que eu vou. Mas eu tinha que ver como estava a minha Tenarzinha, depois de todo este dia cansativo, hein, como vai o meu pobre favinho de mel?

Ele se aproximou da menina, silencioso e corpulento, e estendeu a mão como que para lhe alisar o cabelo.

– Não sou mais Tenar – retrucou a criança, erguendo os olhos para ele. A mão se deteve; o homem não a tocou.

– Não – sussurrou ele após um momento. – Eu sei, eu sei. Agora você é a pequenina Devorada. Mas eu...

Ela permaneceu calada.

– Foi um dia penoso para uma menina – disse o homem, remexendo os pés, enquanto a luzinha cintilava em sua manzorra amarela.

– Você não deveria estar nesta casa, Manan.

– Não. Não. Eu sei. Não deveria estar nesta casa. Bem, boa noite, pequenina... Boa noite.

A criança nada falou. Manan deu meia-volta devagar e foi embora. A luz fraca morreu nas paredes altas da cela.

A menina, que já não tinha nome senão Arha, a Devorada, ficou deitada de costas, os olhos cravados na escuridão.



## CAPÍTULO 2

### O MURO AO REDOR DO LUGAR

A medida que crescia, ela perdeu todas as lembranças da mãe, sem saber que as perdia. Sua casa era ali, no Lugar das Tumbas; sempre fora aquele o seu lugar. Só que às vezes, nas longas noites de julho, ao contemplar as montanhas ocidentais, secas e da cor do leão à luz avermelhada do crepúsculo, ela pensava no fogo que havia queimado numa lareira, fazia muito tempo, com a mesma coloração amarelo-clara. E com isso vinha uma lembrança de ser abraçada, o que era estranho, porque ali raras vezes chegavam a tocá-la, e a recordação de um aroma agradável, uma fragrância de cabelo recém-lavado e enxaguado em água perfumada com sálvia, uma longa cabeleira loura, da cor do pôr do sol e do fogo. Era tudo que lhe restara.

Ela sabia mais do que lembrava, é claro, pois lhe tinham contado a história toda. Aos 6 ou 7 anos, quando começava a se perguntar quem era realmente essa pessoa chamada “Arha”, ela havia procurado seu guardião, o vigia Manan, e pedira:

- Conte-me como fui escolhida, Manan.
- Ah, você sabe de tudo, pequerrucha.

E sabia mesmo. Thar, a sacerdotisa alta, de voz seca, lhe relatara a história até ela decorar as palavras, e foi assim que as recitou:

- Sim, eu sei. Na morte da Sacerdotisa Única das Tumbas de Atuan, as cerimônias de sepultamento e purificação completam-se em um mês,

pelo calendário lunar. Depois disso, algumas sacerdotisas e guardiões do Lugar das Tumbas partem pelo deserto, por entre as aldeias e os vilarejos de Atuan, procurando e fazendo perguntas. Buscam a menina nascida na noite da morte da Sacerdotisa. Quando a encontram, esperam e observam. Ela deve ter corpo e mente sãos e, ao crescer, não deve sofrer de raquitismo ou varíola, nem ter qualquer deformidade ou ficar cega. Se ela chegar sem máculas aos 5 anos, sabe-se que seu corpo é mesmo o novo corpo da Sacerdotisa que morreu. A menina torna-se conhecida do Rei-Deus de Awabath e é trazida para o Templo e instruída durante um ano. E, ao final do ano, é levada ao Salão do Trono, e seu nome é devolvido àqueles que são seus Senhores, os Inominados, porque ela é a anônima, a Sacerdotisa Sempre Renascida.

Tratava-se de uma reprodução literal do que lhe contara Thar, e ela nunca se atrevera a pedir uma palavra a mais. A sacerdotisa magra não era cruel, mas era muito fria e pautava sua vida por uma lei férrea, e Arha a fitava com assombro e temor. Mas não temia Manan, longe disso, e lhe ordenou:

– Agora, conte-me como *eu* fui escolhida!

E ele tornou a contar:

– Saímos daqui, tomando o rumo noroeste, no terceiro dia do quarto minguante, porque a Arha-que-se-foi havia morrido no terceiro dia da lua anterior. Primeiro fomos a Tenacbah, que é uma cidade grande, embora digam que está para Awabath como uma pulga para uma vaca. Mas para mim é bastante grande, deve haver dez centenas de casas lá! E depois fomos a Gar. Mas ninguém nessas cidades tinha uma filha nascida no terceiro dia da lua de um mês antes; alguns haviam tido garotos, mas meninos não servem... Assim, seguimos para a região serrana ao norte de Gar, indo a aldeias e vilarejos. Aquela é minha terra. Nasci nas montanhas de lá, onde os rios correm e a terra é verde. Não neste deserto.

A voz rouca de Manan assumiu um tom estranho e seus olhos pequenos ficaram bem escondidos nas pálpebras. Ele fez uma breve pausa e, por fim, continuou:

– E, assim, encontramos e falamos com todos os que tinham sido pais de filhos nascidos no mês anterior. E alguns mentiam para nós, dizendo “Ah, sim, com certeza a nossa menina nasceu no terceiro dia da lua!”. É que os pobres, sabe, costumam ficar contentes por se livrar das meninas recém-nascidas. E havia outros tão miseráveis, morando em choupanas solitá-

rias nos vales das montanhas, que nem guardavam a conta dos dias, e mal sabiam dizer as horas, de modo que não tinham certeza da idade de seus bebês. Mas sempre conseguíamos chegar à verdade, perguntando por tempo suficiente. Só que era um trabalho lento. Finalmente encontramos uma menina, num vilarejo de dez casas, nos vales de pomares a oeste de Entat. Tinha 8 meses, o tempo durante o qual estivéramos procurando, e havia nascido na noite do falecimento da Sacerdotisa das Tumbas, a menos de uma hora da morte dela. E era uma bela menina, sentada no colo da mãe e voltando os olhos brilhantes para todos nós, espremidos no único cômodo da casa feito morcegos numa caverna! O pai era um homem pobre. Cuidava das macieiras do pomar do homem rico e nada tinha de seu, exceto cinco filhos e uma cabra. Nem mesmo a casa era dele. Assim, lá ficamos todos nós, apinhados. Pelo jeito como as sacerdotisas olhavam para a neném e conversavam entre si, era visível que pensavam ter finalmente encontrado a Renascida. E a mãe também percebeu. Ficou segurando a menina, calada. E assim, bem, voltamos no dia seguinte. E vejam só! Lá estava a menininha de olhos brilhantes, deitada num catre de junco, chorando e gritando, com o corpo todo coberto de lanhos e manchas vermelhas de febre, e a mãe se lamuriando ainda mais alto que o bebê. “Ai, ai! Minha filhinha está com os Dedos da Bruxa!” Era assim que ela se referia à varíola. Na minha aldeia, também chamavam a doença de Dedos da Bruxa. Mas Kossil, essa que agora é Suma Sacerdotisa do Rei-Deus, foi até o catre e pegou a criança. Os outros todos haviam recuado, e eu com eles; não dou muito valor à minha vida, mas quem entra numa casa em que esteja a varíola? Só que aquela não tinha medo, ela não. Pegou a menina e disse: “Ela não está com febre.” Cuspiu num dedo, esfregou as manchas vermelhas e elas saíram. Eram apenas sumo de frutas silvestres. A boba da mãe, pobrezinha, tinha tentado nos enganar para ficar com a filha!

Manan deu uma sonora gargalhada; seu rosto amarelo mal se alterou, mas as laterais do corpo arfaram.

– Assim, o marido bateu nela, por medo da ira das sacerdotisas. Logo voltamos para o deserto, mas todo ano uma das pessoas do Lugar voltava ao vilarejo entre os pomares de macieiras para ver como estava a menina. Assim, passaram-se cinco anos, então Thar e Kossil viajaram acompanhadas por guardas do Templo e por soldados de capacete vermelho enviados pelo Rei-Deus para escoltá-las com segurança. Eles trouxeram a menina



para cá, pois ela era mesmo a Sacerdotisa das Tumbas renascida e seu lugar era aqui. E quem era a menina, hein, pequerrucha?

– Eu – respondeu Arha, mirando o horizonte distante, como que para ver algo que não podia ver, algo que sumira de vista.

Uma vez ela perguntara: “O que a... a mãe fez quando foram buscar a menina e levá-la embora?”

Porém, Manan não sabia; não tinha ido com as sacerdotisas naquela última viagem.

E ela não conseguia se lembrar. Mas também de que adiantava? Estava acabado, tudo havia acabado. Ela fora para onde deveria ir. No mundo inteiro, conhecia apenas um local: o Lugar das Tumbas de Atuan.

Em seu primeiro ano ali, tinha dormido no grande dormitório com as outras noviças, meninas de 4 a 14 anos. Já então, Manan fora destacado entre os Dez Guardiões como seu guardião particular, e o catre dela ficava numa pequena alcova, parcialmente separado do cômodo principal do Casarão, um salão comprido e de luz baixa onde as meninas davam risinhos e cochichavam antes de dormir, e bocejavam e trançavam o cabelo umas das outras à luz cinzenta da manhã. Quando seu nome lhe foi retirado e ela se tornou Arha, a menina passou a dormir sozinha na Casa Pequena, na cama e no quarto que seriam sua cama e seu quarto pelo resto da vida. A casa era dela, a Casa da Sacerdotisa Única, e ali ninguém podia entrar sem sua permissão. Ainda muito pequena, gostava de ouvir as pessoas baterem à sua porta, submissas, e de dizer “Pode entrar”, e se aborrecia com o fato de Kossil e Thar tomarem por certa a sua autorização e entrarem sem bater.

Passaram-se os dias, passaram-se os anos, todos iguais. As meninas do Lugar das Tumbas ocupavam o tempo com aulas e treinamentos. Não brincavam de nada – não havia tempo para isso. Aprendiam músicas e danças sacras, histórias das terras de Kargad e mistérios de quaisquer dos deuses a que se dedicassem: ao Rei-Deus que governava Awabath ou aos Irmãos Gêmeos, Atwah e Wuluah. Dentre todas, apenas Arha aprendia os ritos dos Inominados, que lhe eram ensinados por uma única pessoa, Thar, a Suma Sacerdotisa dos Deuses Gêmeos. Isso a separava das outras por uma hora ou mais, todos os dias, porém seu dia quase inteiro, como o das demais, era simplesmente passado no trabalho. Elas aprendiam a fiar e tecer a lã de seus rebanhos, a plantar e colher e a preparar os alimentos que sempre comiam: lentilha, trigo-sarraceno – moído grosso para o mingau

ou em farinha fina para o pão ázimo –, cebola, repolho, queijo de cabra, maçã e mel.

A melhor coisa que podia acontecer era ganhar permissão para pescar no rio de águas verdes e turvas que fluía pelo deserto, a menos de 1 quilômetro a nordeste do Lugar, levar uma maçã ou um pão frio sem levedura para o almoço e sentar o dia inteiro ao sol, entre os juncos, vendo correr a água lenta e observando as sombras de nuvens se modificarem devagar nas montanhas. Mas, se você desse gritinhos de empolgação ao sentir a linha se esticar e ao puxar um peixe achatado e reluzente para a margem do rio e vê-lo afogar-se no ar, Mebbeth sibilava feito cobra, dizendo: “Fique quieta, sua gritona idiota!”

Mebbeth servia no templo do Rei-Deus e era uma mulher morena, ainda jovem, mas dura e afiada como obsidiana. A pesca era sua paixão. Era preciso permanecer nas boas graças dela, sem jamais emitir um som, ou ela nunca mais levaria você para pescar, então você nunca iria ao rio, a não ser para buscar água, no verão, quando a água dos poços ficava baixa. Tratava-se de uma tarefa maçante: caminhar 1 quilômetro, no calor escaldante, encher os dois baldes da cangalha usada para carregá-los e partir o mais depressa possível para subir a encosta até o Lugar. Os primeiros 100 metros eram fáceis, mas depois os baldes iam ficando mais pesados, e a cangalha queimava nos ombros feito uma barra de ferro em brasa, e a luz era ofuscante na estrada seca, e cada passo era mais difícil e mais lento. Por fim, você chegava à sombra fresca do quintal dos fundos do Casarão, ao lado da horta, e despejava os baldes na grande cisterna, espirrando água. E em seguida tinha que dar meia-volta e fazer tudo de novo, e de novo, e de novo.

Dentro dos limites do Lugar – era só este o nome que ele tinha ou de que precisava, por ser o mais antigo e mais sagrado de todos os lugares nas Quatro Regiões do Império Karg – viviam umas duzentas pessoas, e havia muitas construções: três templos, o Casarão e a Casa Pequena, as acomodações dos guardiões eunucos e, logo do lado de fora do muro, o quartel dos guardas e muitas choupanas de escravos, além de depósitos, apriscos, currais de cabras e outras instalações agrícolas. O Lugar parecia uma cidadezinha, visto de longe, do alto dos morros ressecados a oeste, onde nada crescia além de sálvia, barba-de-bode em tufo ralos, mato e ervas do deserto. Até das planícies distantes do leste, olhando para cima, era possível ver

o telhado dourado do Templo dos Deuses Gêmeos, piscando e cintilando sob as montanhas, como um pontinho de mica numa prateleira de rocha.

Esse templo era um cubo de pedra coberto de estuque branco, sem janelas, com um pórtico baixo e uma porta. Mais vistoso e séculos mais novo era o Templo do Rei-Deus, logo abaixo dele, com um pórtico alto e uma fileira de grossas colunas brancas de capitel pintado – cada uma delas um tronco sólido de cedro, trazidos de navio de Hur-at-Hur, onde existem florestas, e arrastados mediante o esforço de vinte escravos pelas planícies estéreis do Lugar. Só depois de o viajante se aproximar do extremo leste e avistar o telhado de ouro e as colunas reluzentes é que via, mais adiante, na Colina do Lugar, acima de todos eles, fulvo e ruinoso como o próprio deserto, o mais antigo dos templos de sua raça: o imenso e baixo Salão do Trono, com suas paredes remendadas e uma cúpula meio achatada, em desintegração.

Atrás do salão e cercando todo o cume do morro ficava uma muralha maciça de pedra, erguida sem reboco e já meio desabada em vários pontos. No interior do círculo da muralha, diversas pedras negras, entre 5 e 6 metros de altura, brotavam da terra como dedos enormes. Depois de vê-las, o olhar sempre voltava para elas. Ali se erguiam cheias de significação, mas ninguém sabia o que queriam dizer. Eram nove. Uma se erguia ereta, outras ficavam mais ou menos inclinadas, duas haviam caído. Tinham uma crosta cinzenta e laranja de líquen, como se fossem borrões de tinta – todas menos uma, nua e negra com um brilho fosco, além de lisa. Nas outras, sob o líquen, podia-se ver ou tocar com os dedos uns entalhes vagos, formas, sinais. Essas nove pedras eram as Tumbas de Atuan. Estavam ali, segundo se dizia, desde o tempo dos primeiros homens, desde a criação de Terramar. Tinham sido fincadas na escuridão, quando as terras se ergueram das profundezas do oceano. Eram muito mais velhas que os Reis-Deuses de Kargad, mais velhas que os Deuses Gêmeos, mais velhas que a luz. Eram os túmulos dos que haviam governado antes que surgisse o mundo dos homens, aqueles que não foram denominados, e aquela que os servia não tinha nome.

Ela não andava com frequência entre as pedras e mais ninguém pisava no solo em que ficavam as Tumbas, no alto do morro, dentro da muralha de pedra, atrás do Salão do Trono. Duas vezes por ano, na lua cheia mais próxima dos equinócios da primavera e do outono, fazia-se um sacrifício diante do trono e ela atravessava o baixo portal de trás do salão carregando

uma grande bacia de latão cheia de sangue de cabra fumegante. Tinha que derramar metade do líquido aos pés da pedra negra ereta, metade sobre uma das pedras caídas, encravada na terra pedregosa, manchada por séculos de oferendas.

Às vezes Arha saía sozinha de manhã cedo e perambulava entre as pedras, tentando decifrar as tênues protuberâncias e arranhões dos entalhes, expostos com mais clareza pelo ângulo baixo da luz. Ou então sentava-se por lá e contemplava as montanhas a oeste, baixava os olhos para os telhados e muros do Lugar e observava os primeiros sinais de atividade em volta do Casarão e no quartel dos guardas, e os rebanhos de ovelhas e cabras saindo para seus pastos ralos à beira do rio. Nunca havia nada para fazer entre as pedras. Ela só ia lá porque lhe era permitido e porque ali ficava sozinha. Era um lugar lúgubre. Mesmo sob o calor do meio-dia, no verão do deserto, havia nele uma friagem. De vez em quando o vento assobiava um pouco entre as duas pedras mais próximas entre si, inclinadas uma para a outra como se trocassem segredos. Mas nenhum segredo era revelado.

Da Muralha das Tumbas saía outro muro de pedra, mais baixo, que formava um semicírculo irregular e comprido em torno da Colina do Lugar, depois ia seguindo para o norte em direção ao rio. Não chegava propriamente a proteger o Lugar, já que o dividia em dois: de um lado, os templos e as casas das sacerdotisas e dos guardiões; do outro, as instalações dos guardas e dos escravos que cultivavam a terra, pastoreavam os rebanhos e buscavam forragens para o Lugar. Nenhum deles cruzava o muro, exceto em algumas festas muito santas, quando os guardas e seus tocadores de tambor e de trompa compareciam à procissão das sacerdotisas, embora não atravessassem os portais dos templos. Nenhum outro homem punha os pés nas terras internas do Lugar. No passado, houvera peregrinações, reis e chefes tribais que saíam das Quatro Regiões para ali realizar seu culto; o primeiro Rei-Deus, um século e meio antes, havia comparecido para praticar os ritos de seu próprio templo. Mas nem ele pudera entrar no espaço das Tumbas, até ele tivera que comer e dormir fora do muro que cercava o Lugar.

Era bem fácil escalar esse muro, encaixando os dedos dos pés nas reentrâncias. A Devorada e uma menina chamada Penthe sentaram-se nele uma tarde, no fim da primavera. Ambas tinham 12 anos. Deveriam estar na sala de tecelagem do Casarão, um enorme sótão de pedra; deveriam

estar nos grandes teares, com um urdume de lã preta e sem graça, tecendo os panos negros das túnicas. Havia escapulado para beber água do poço do quintal, então Arha dissera “Vamos!” e tinha conduzido a outra menina morro abaixo, saindo do campo visual do Casarão, até o muro. Agora as duas estavam sentadas nele, a 3 metros de altura, as pernas nuas balançando para fora, contemplando as planícies que se estendiam, infindáveis, nas direções leste e norte.

– Eu gostaria de ver o mar – disse Penthe.

– Para quê? – perguntou Arha, mastigando um talo amargo que havia tirado do muro.

A terra árida acabara de passar pela floração. Todos os pequenos botões de flor do deserto, amarelos, cor-de-rosa e brancos, que cresciam ao rés do chão e floresciam depressa, estavam produzindo sementes, espalhando minúsculas plumas e para-sóis branco-acinzentados ao vento, soltando seus carrapichos engenhosos com pequenos ganchinhos. A terra sob as macieiras do pomar era um tapete de branco e rosa arroxeados. Os galhos eram verdes, as únicas árvores dessa cor em todos os quilômetros do Lugar. O restante, de um lado a outro do horizonte, era de uma cor desértica opaca, amarelo-acastanhada, exceto pelas montanhas, que tinham o tom azul-prateado dos primeiros brotos de sálvia em flor.

– Ah, sei lá para quê. Só queria ver uma coisa diferente. Aqui é sempre tudo igual. Não acontece nada.

– Tudo que acontece em toda parte começa aqui – disse Arha.

– Ah, eu sei... Mas eu queria ver um pouco disso acontecendo!

Penthe sorriu. Era uma menina meiga, de ar acolhedor. Coçou a sola dos pés descalços nas pedras aquecidas pelo sol e, após algum tempo, continuou:

– Sabe, eu morava perto do mar quando era pequena. Nossa aldeia ficava logo atrás das dunas e a gente costumava descer e brincar na praia às vezes. Um dia, lembro que vimos uma frota de navios passando em alto-mar. Corremos para contar à aldeia e todo mundo foi ver. Os navios pareciam dragões de asas vermelhas. Alguns tinham pescoços de verdade, com cabeças de dragão. Passaram navegando por Aman, mas não eram navios dos kargs. Vinham do oeste, das Regiões Interiores, o chefe disse. Todos desceram das dunas para vê-los. Acho que ficaram com medo de que eles aportassem. Mas os navios só passaram, sem ninguém saber para



onde iam. Talvez para guerrear em Karego-At. Mas, imagine, eles vinham mesmo das ilhas dos feiticeiros, onde todas as pessoas são da cor da terra e todas sabem lançar feitiços sobre a gente, fácil como quem pisca.

– Em mim, não – disse Arha, em tom veemente. – Eu não teria olhado para eles. São feiticeiros vis e abomináveis. Como se atrevem a navegar tão perto da Terra Santa?

– Ah, bom, acho que um dia o Rei-Deus vai derrotá-los e transformar todos em escravos. Mas eu queria poder rever o mar. Havia uns polvinhos nas poças de maré e, se a gente gritasse “Buuu!” para eles, ficavam todos brancos. Lá vem aquele velho, o Manan, procurando você.

O guardião e criado de Arha vinha andando devagar junto à parte interna do muro. Agachava-se para pegar cebolas silvestres, segurando um feixe grande e molengo, depois se erguia e espiava ao redor, com os olhinhos castanhos e opacos. Havia engordado com os anos e sua pele amarela e sem pelos reluzia ao sol.

– Escorregue um pouco para o lado oposto ao dele – sibilou Arha.

As duas se contorceram, ágeis como lagartixas, descendo pelo outro lado do muro, até poderem ficar agarradas a ele, logo abaixo do topo, invisíveis pela parte interna. Ouviram os passos lentos de Manan se aproximarem.

– U-uu! Cara de batata! – cantarolou Arha, numa zombaria sussurrada que era tão leve quanto o vento entre os talos de capim.

O andar pesado estacou.

– Olá – disse a voz insegura. – Pequerrucha? Arha?

Silêncio.

Manan seguiu adiante.

– U-uu! Cara de batata!

– U-uu, barriga de batata! – murmurou Penthe, imitando-a, e depois grunhiu, na tentativa de abafar o riso.

– Alguém aí?

Silêncio.

– Ora, ora, ora – disse o eunuco, suspirando, e seus passos lentos seguiram adiante.

Quando ele passou do topo da encosta, as meninas voltaram depressa para o alto do muro. Penthe estava rosada de suor e riso, mas Arha tinha um ar selvagem.

– Esse velho carneiro-guia idiota me seguindo por toda parte!

– Ele tem que seguir – disse Penthe, sensata. – Cuidar de você é o trabalho dele.

– Aqueles a quem sirvo cuidam de mim. Sou agradável a eles; não preciso agradecer a mais ninguém. Essas velhas e esses meios-homens, essa gente devia me deixar em paz. Eu sou a Sacerdotisa Única!

Penthe encarou a amiga.

– Ah – falou, com voz débil. – Ah, eu sei que é, Arha...

– Então eles deviam me deixar sossegada. E não me dar ordens o tempo todo!

Penthe passou um tempo sem dizer nada, mas suspirou e ficou sentada, balançando as pernas gorduchas e contemplando as terras vastas e pálidas lá embaixo, que se elevavam muito devagar para um horizonte alto, vago, imenso.

– Você logo estará dando ordens, sabe – replicou por fim, em voz baixa. – Daqui a dois anos, já não seremos crianças. Teremos 14. Vou para o templo do Rei-Deus e as coisas serão mais ou menos iguais para mim. Mas você será a Suma Sacerdotisa. Até Kossil e Thar lhe deverão obediência.

A Devorada permaneceu em silêncio. Sua expressão era rígida; sob as sobrançelas negras, os olhos captavam a luz do céu num luzir pálido.

– Temos que voltar – disse Penthe.

– Não.

– Mas pode ser que a instrutora de tecelagem conte a Thar. E logo estará na hora dos Nove Cânticos.

– Vou ficar aqui. Fique você também.

– Elas não vão castigar você, mas castigam a mim – retrucou Penthe, com seu jeito brando.

Arha não respondeu. Penthe deu um suspiro e ficou. O sol foi afundando numa bruma acima das planícies. Bem longe, na inclinação longa e gradual do terreno, as sinetas das ovelhas tilintavam de leve e os cordeiros baliavam. O vento da primavera soprava em lufadas curtas, leves, de perfume adocicado.

Os Nove Cânticos quase haviam terminado quando as meninas voltaram. Mebbeth tinha visto as duas sentadas no “Muro dos Homens” e informara sua superiora, Kossil, Suma Sacerdotisa do Rei-Deus.

Kossil tinha passos pesados, rosto carregado. Sem expressão na face ou na voz, dirigiu-se às duas meninas, mandando que a seguissem. Conduziu-as

pelos corredores de pedra do Casarão, saiu pela porta da frente e subiu a colina até o Templo de Atwah e Wuluah. Ali, falou com Thar, alta, seca e magra como a perna de um cervo.

– Tire o vestido – ordenou Kossil a Penthe.

Açoitou a menina com um feixe de junco, que cortou um pouco a pele. Penthe aguentou pacientemente, com lágrimas silenciosas. Foi mandada de volta para a sala de tecelagem sem refeição e, no dia seguinte, também ficaria sem comer.

– Se você for apanhada de novo subindo o Muro dos Homens – disse Kossil –, vão lhe acontecer coisas muito piores. Compreendeu, Penthe?

A voz de Kossil era baixa, mas não bondosa. Penthe aquiesceu e se retirou, abaixando-se e se encolhendo, conforme a roupa pesada roçava os cortes em suas costas.

Arha postara-se ao lado de Thar para observar o açoitamento. Viu então Kossil limpar o junco do chicote.

Thar disse:

– Não fica bem você ser vista escalando coisas e correndo com outras meninas. Você é Arha.

A garota manteve a expressão carrancuda e não respondeu.

– É melhor você só fazer o que é necessário. Você é Arha.

Por um instante, a menina ergueu os olhos para Thar e Kossil, e havia em seu olhar um ódio ou ira tão profundos que era terrível de ver. Mas a sacerdotisa magra não manifestou apreensão; em vez disso, reafirmou, inclinando-se um pouco para a frente e quase sussurrando:

– *Você é Arha.* Não sobrou nada. Tudo foi devorado.

– Tudo foi devorado – repetiu a menina, como havia repetido diariamente, em todos os dias da sua vida, desde que tinha 6 anos.

Thar curvou a cabeça de leve, e o mesmo fez Kossil, enquanto guardava o chicote. A menina não imitou o gesto, mas deu meia-volta, submissa, e foi embora.

Depois da ceia, composta de batatas e cebolinha e consumida em silêncio no refeitório estreito e escuro, depois de entoados os hinos vespertinos e colocadas as palavras sagradas nas portas, depois do breve Ritual do Não Dito, estava concluído o serviço do dia. Agora as meninas poderiam subir para o dormitório e brincar de jogar dados e varetas enquanto ficasse acesa a candeia solitária e cochichar no escuro de uma cama para outra. Arha

saiu pelos pátios e ladeiras do Lugar, como fazia todas as noites, em direção à Casa Pequena, onde dormia sozinha.

O vento noturno era doce. As estrelas primaveris brilhavam forte, como margaridas salpicadas aos tufos nas pradarias de primavera, como o cintilar da luz nos mares de abril. Mas a menina não tinha lembrança de pradarias nem do mar. Não olhou para cima.

– Ei, você, pequerrucha!

– Manan – disse ela, indiferente.

A grande sombra veio para o seu lado, arrastando os pés, a luz das estrelas cintilando em sua cabeça calva.

– Castigaram você?

– Não posso ser castigada.

– Não... Isso é muito...

– Elas não podem me castigar. Não se atrevem.

Manan parou com as manzorras pendendo, indistinto e volumoso. Ela sentiu cheiro de cebola silvestre e o odor suarento, meio misturado com sálvia, da velha túnica preta do homem, que estava rasgada na bainha e era curta demais para ele.

– Elas não podem me tocar. Sou Arha – disse a menina, com a voz esgançada e enfurecida, e irrompeu em prantos.

As manzorras se aproximaram e a puxaram para ele, abraçando-a com delicadeza, alisando-lhe as tranças do cabelo.

– Passou, passou, favinho de mel, pequerrucha...

Ela ouviu o murmúrio rouco na cavidade funda do peito de Manan e se agarrou a ele. As lágrimas não tardaram a cessar, mas a menina continuou abraçada ao guardião como se não pudesse ficar de pé.

– Pobrezinha... – murmurou ele.

Colocando a criança no colo, carregou-a até a porta da casa onde ela dormia sozinha e pousou-a no chão.

– Tudo bem agora, pequenina?

Ela fez que sim, deu-lhe as costas e entrou na casa escura.

## CAPÍTULO 3

### OS PRISIONEIRO

Os passos de Kossil ressoaram no corredor da Casa Pequena, regulares e resolutos. A figura alta e corpulenta preencheu o vão da porta do quarto. Ela se curvou, encostando um joelho no chão, e depois se empertigou.

– Senhora.

– O que é, Kossil?

– Tive permissão para cuidar de certos assuntos pertinentes ao domínio dos Inominados até agora. Se quiser, este é o momento de aprender a ver e se encarregar dessas questões, das quais ainda não se recordou nesta vida.

A menina estivera sentada em seu quarto sem janelas, supostamente meditando, mas, na verdade, não fazia nada e não pensava em quase nada. Demorou um pouco para que sua expressão fixa, entediada e altiva se modificasse. Mas se modificou, embora ela tentasse disfarçar. Indagou, com ar meio matreiro:

– O Labirinto?

– Não entraremos no Labirinto. Mas será necessário passar pela Tumba Inferior.

Havia na voz de Kossil um tom que talvez fosse de medo, ou talvez uma simulação de medo, destinado a assustar Arha. A jovem se levantou sem pressa e disse, com ar indiferente:

– Muito bem.



No coração, porém, ao seguir a figura pesadona da sacerdotisa do Rei-Deus, ela exultava: *Finalmente! Finalmente! Até que enfim vou ver meu domínio!*

Estava com 15 anos. Havia mais de um ano fizera a travessia para a feminilidade adulta e, ao mesmo tempo, assumira plenos poderes como Sacerdotisa Única das Tumbas de Atuan, a mais alta de todas as sumas sacerdotisas das terras de Kargad, à qual nem mesmo o próprio Rei-Deus podia dar ordens. Agora, todos dobravam o joelho diante dela, inclusive as soturnas Thar e Kossil. Todos lhe dirigiam a palavra com requintada deferência. Mas nada tinha mudado. Nada acontecia. Encerradas as cerimônias de sua consagração, os dias prosseguiram como sempre. Havia lã a fiar, panos pretos a tecer, cereais a serem moídos, ritos a praticar; os Nove Cânticos precisavam ser entoados toda noite, abençoadas as portas, alimentadas as pedras com sangue de cabra duas vezes por ano, e era necessário fazer as danças da lua nova diante do Trono Vazio. E assim o ano inteiro havia passado, como tinham passado os anos anteriores. Será que todos os anos da sua vida passariam assim?

O tédio era tão intenso às vezes que dava uma sensação de pavor: segurava-a pela garganta. Não fazia muito tempo, Arha fora impelida a falar dele. Tinha que falar, pensara, senão enlouqueceria. O orgulho a impedira de confidenciar às outras jovens e a cautela a detivera de se confessar com as mulheres mais velhas. Manan, porém, não era nada, apenas um velho e fiel carneiro-guia; o que ela lhe dissesse não teria importância. Para sua surpresa, ele tivera uma resposta:

– Faz muito tempo, sabe, pequerrucha, antes que nossas quatro terras se juntassem para formar um império, antes que existisse um Rei-Deus acima de todos nós, havia uma porção de reis menores, príncipes, chefes tribais. Ele viviam brigando uns com os outros. E vinham aqui resolver suas disputas. Era assim: eles vinham da nossa região de Atuan, e de Karego-At, Atnini e até Hur-at-Hur, todos os chefes e príncipes, com seus servos e seus exércitos. E perguntavam a você o que fazer. E você se colocava diante do Trono Vazio e lhes dava a orientação dos Inominados. Bem, isso foi há muito tempo. Depois de um período, os Reis-Sacerdotes passaram a governar toda a região de Karego-At e não tardaram a governar Atuan. E agora, há quatro ou cinco gerações de homens, os Reis-Deuses têm governado a união de todas as quatro terras e fizeram delas um império. E assim as coisas mudaram. O Rei-Deus pode depor os chefes rebeldes e resolver, ele

mesmo, todos os conflitos. E, por ser deus, sabe, não tem que consultar com muita frequência os Inominados.

Arha parou para refletir sobre isso. O tempo não tinha muita significação ali, naquelas terras desérticas, sob as Pedras imutáveis, levando uma vida que fora levada do mesmo jeito desde o começo do mundo. Ela não estava acostumada a pensar em mudanças das coisas, em velhos hábitos que morressem e novos hábitos que surgissem. Não se sentia à vontade olhando as coisas por esse prisma.

– Os poderes do Rei-Deus são muito menores que os daqueles a quem sirvo – disse, franzindo a testa.

– Com certeza... Com certeza... Mas não se sai por aí dizendo isso a um deus, favinho de mel. Nem à sacerdotisa dele.

Ao fitar os olhinhos castanhos e brilhantes de Manan, ela pensou em Kossil, a Suma Sacerdotisa do Rei-Deus, a quem temia desde que chegara ao Lugar, e compreendeu o que ele queria dizer.

– Mas o Rei-Deus e seu povo têm negligenciado o culto das Tumbas. Ninguém vem aqui.

– Bem, ele manda prisioneiros para cá, para serem sacrificados. Isso ele não negligencia. Nem os presentes devidos aos Inominados.

– Presentes! O templo dele é repintado todo ano, há 50 quilos de ouro no altar e as lamparinas queimam essência de rosas! E olhe para o Salão do Trono: buracos no telhado, a cúpula rachando, as paredes cheias de ratos e corujas e morcegos... Mas, ainda assim, ele durará mais que o Rei-Deus e todos os seus templos, e todos os reis que vierem depois dele. Estava aqui antes deles e continuará aqui quando todos houverem partido. Ele é o centro das coisas.

– É o centro das coisas.

– Aqui existem riquezas. Às vezes Thar me fala delas. Suficientes para encher dez vezes o templo do Rei-Deus. Ouro e troféus oferecidos há séculos, há cem gerações, quem sabe há quanto tempo. Estão todos trancados nos poços e cavernas subterrâneos. Elas ainda não querem me levar lá, me deixam esperando, esperando. Mas eu sei como é. Existem salas embaixo do Salão, embaixo de todo o Lugar, embaixo de onde estamos agora. Há uma grande rede de túneis, um Labirinto. É como uma imensa cidade escura sob a colina. Repleta de ouro e das espadas de antigos heróis, de antigas coroas, de ossos e anos e silêncio.

Arha falou como se estivesse em transe, em êxtase. Manan a observou. Seu rosto achatado nunca expressava grande coisa além de uma tristeza imperturbável, cautelosa; estava mais triste que de hábito naquela hora.

– Bem, e você é a senhora de tudo. Do silêncio e das trevas.

– Sou. Mas elas não querem me mostrar nada, só os cômodos da superfície, atrás do Trono. Nem sequer me mostraram as entradas dos lugares subterrâneos; só fazem resmungar sobre eles de vez em quando. Estão escondendo de mim o meu próprio domínio! Por que me fazem esperar tanto?

– Você é jovem. E talvez – acrescentou Manan, em sua voz aguda e rouca –, talvez elas tenham medo, pequenina. O domínio não é delas, afinal. É seu. Elas correm perigo quando entram lá. Não há mortal que não tema os Inominados.

Arha não disse nada, mas seus olhos faiscaram. Mais uma vez Manan lhe mostrava uma nova maneira de ver as coisas. Tão estupendas, tão frias e tão fortes lhe haviam parecido Thar e Kossil, desde sempre, que ela nunca imaginara que sentissem medo. Mas Manan estava certo. Elas temiam aqueles lugares, as forças de que Arha fazia parte, às quais pertencia. Tinham medo de entrar nos lugares escuros, medo de ser devoradas.

Agora, ao descer os degraus da Casa Pequena com Kossil e subir a trilha sinuosa que levava ao Salão do Trono, lembrou-se da conversa com Manan e tornou a exultar. Aonde quer que a levassem, o que quer que lhe mostrassem, ela não sentiria medo. Saber-se encontrar.

Um pouco atrás dela no caminho, Kossil falou:

– Um dos deveres da minha senhora, como ela sabe, é o sacrifício de certos prisioneiros, criminosos de origem nobre que, por sacrilégio ou traição, pecaram contra nosso senhor, o Rei-Deus.

– Ou contra os Inominados – completou Arha.

– Decerto. Ora, não convém que a Devorada, enquanto ainda é criança, se encarregue desse dever. Mas minha senhora já não é criança. Há prisioneiros na Sala dos Grilhões, enviados para cá há um mês, pela graça de nosso senhor, o Rei-Deus, de sua cidade de Awabath.

– Eu não sabia que haviam chegado prisioneiros. Por que não me avisaram?

– Os prisioneiros são trazidos à noite, em sigilo, da maneira prescrita desde tempos antigos nos rituais das Tumbas. Trata-se do caminho secreto que minha senhora seguirá se tomar a trilha ao longo da muralha.

Arha saiu da trilha para seguir a grande muralha de pedra que encerrava as Tumbas, atrás do salão abobadado. As pedras com que fora construída eram enormes; a menor delas pesaria mais que um homem, e as maiores eram grandes como carroças. Apesar de não terem sido talhadas, ajustavam-se e interligavam-se perfeitamente. Em alguns pontos, porém, a altura da muralha diminuía e as pedras que haviam deslizado jaziam em montes amorfos. Só um vasto intervalo de tempo seria capaz de fazer isso – os séculos desérticos de dias escaldantes e noites congelantes, os milenares e imperceptíveis movimentos das próprias montanhas.

– É muito fácil escalar a Muralha das Tumbas – disse Arha, quando iam andando à sombra dela.

– Não temos homens suficientes para reconstruí-la.

– Temos homens suficientes para vigiá-la.

– Apenas escravos. Não se pode confiar neles.

– Pode-se confiar neles, se estiverem com medo. Que a punição deles seja a mesma do estranho que eles deixarem pôr os pés na terra sagrada, no interior da muralha.

– Que punição é essa?

Kossil não perguntou para saber a resposta. Já a ensinara a Arha, fazia muito tempo.

– São decapitados diante do Trono.

– É desejo da minha senhora que um guarda seja colocado na Muralha das Tumbas?

– Sim, é – respondeu a garota.

Dentro de suas longas mangas pretas, ela cerrou os punhos, exultante. Sabia que Kossil não queria destinar um escravo a esse dever de vigiar a muralha, o que era mesmo um dever inútil, pois quem seriam os estranhos que em algum momento iriam ali? Era improvável que algum homem, por azar ou de propósito, chegasse a menos de 2 quilômetros do Lugar sem ser visto; sem dúvida nem se aproximaria das Tumbas. Mas um guarda era uma honra devida a elas, e Kossil não tinha como contra-argumentar. Precisava obedecer a Arha.

– Aqui – disse ela, com sua voz fria.

Arha parou. Havia percorrido muitas vezes aquela trilha em volta da Muralha das Tumbas e a conhecia como cada centímetro do Lugar, cada pedra e espinho e cardo. A enorme muralha de pedra erguia-se à esquerda,

com o triplo da altura dela; à direita, a colina descia gradualmente para um vale raso e árido, que logo tornava a se elevar em direção aos sopés da cordilheira ocidental. Arha correu os olhos por todo o terreno próximo e não viu nada que já não tivesse visto.

– Sob as pedras vermelhas, senhora.

A alguns metros na descida da encosta, um afloramento de lava vermelha formava um degrau ou um pequeno penhasco na colina. Ao descer até lá e parar no plano diante dele, de frente para as pedras, Arha percebeu que pareciam um portal tosco de 1,20 metro de altura.

– O que deve ser feito?

Ela havia aprendido que, nos lugares sagrados, não adiantava tentar abrir uma porta enquanto não se soubesse como abri-la.

– Minha senhora possui todas as chaves dos lugares escuros.

Desde seus ritos da maioridade, Arha levava na cintura uma argola de ferro do qual pendiam um pequeno punhal e treze chaves, umas compridas e pesadas, outras pequenas como anzóis. Ergueu a argola e separou as chaves.

– Essa – disse Kossil, apontando, depois pousou o indicador grosso numa fresta entre duas superfícies de pedra vermelha, marcadas por reen-trâncias.

A chave, uma haste comprida de ferro com dois dentes trabalhados, entrou na fresta. Arha virou-a para a esquerda, usando as duas mãos, porque era dura de movimentar; no entanto, ela girou suavemente na fechadura.

– E agora?

– Juntas...

Juntas, elas empurraram a face áspera da pedra para a esquerda da fechadura. Pesadamente, mas sem travar e com pouquíssimo barulho, um pedaço desnivelado da pedra vermelha moveu-se para dentro, até se abrir uma fenda estreita. Lá dentro, puro negrume.

Arha se abaixou e entrou.

Kossil, corpulenta e de roupas pesadas, teve que se espremer pela abertura estreita. Assim que entrou, apoiou as costas na porta e, empurrando com esforço, fechou-a.

Um breu completo. Não havia luz. A escuridão parecia comprimir os olhos abertos como feltro molhado.

Elas se agacharam, quase dobradas ao meio, pois o lugar em que estavam tinha pouco mais de 1 metro de altura e era tão estreito que as mãos



tateantes de Arha tocaram prontamente na rocha úmida, à direita e à esquerda.

– Você trouxe luz? – perguntou num sussurro, como se costuma fazer no escuro.

Atrás dela, Kossil respondeu:

– Não trouxe luz nenhuma.

A voz dela também foi baixa, mas tinha um tom estranho, como se ela sorrisse. Kossil nunca sorria. O coração de Arha deu um salto; o sangue latejou em sua garganta. Furiosa, pensou: *Este lugar é meu, faço parte daqui. Não vou sentir medo!*

Não disse nada. Começou a avançar; só havia um caminho. Ele penetrava na montanha e descia.

Kossil foi atrás, arfante, a roupa roçando e arranhando as pedras e a terra.

De repente, o teto subiu: Arha pôde ficar de pé e, ao esticar os dois braços, não sentiu as paredes. O ar, antes abafado e terroso, tocou-lhe o rosto com uma umidade mais fresca e seus leves movimentos lhe deram a sensação de um espaço enorme. Arha avançou alguns passos cautelosos, na completa escuridão. Uma pedrinha, escorregando sob a sandália, bateu em outra, e o som baixo despertou ecos, muitos ecos, diminutos, distantes, mais remotos ainda. A caverna devia ser imensa, alta e larga, mas não vazia: algo em sua escuridão, superfícies de objetos ou divisórias invisíveis, quebrara o eco em mil fragmentos.

– Devemos estar embaixo das Pedras a esta altura – disse a jovem, sussurrando, e sua voz correu para a escuridão profunda e se esgarçou em fiapos de som tão finos quanto uma teia de aranha, que ficaram muito tempo presos à audição.

– Sim. Esta é a Tumba Inferior. Prossiga. Não posso ficar aqui. Siga a parede à esquerda. Passe por três aberturas.

O sussurro de Kossil sibilou e os ecos minúsculos sibilaram depois dele. Ela estava com medo, com muito medo. Não gostava de estar ali entre os Inominados, em seus túmulos, suas cavernas, no escuro. Não era seu lugar, ela não fazia parte daquilo.

– Virei aqui com uma tocha – disse Arha, guiando-se na parede da caverna pelo toque dos dedos, intrigando-se com as formas estranhas da pedra, concavidades e protuberâncias e curvas e bordas delicadas, ásperas como

renda aqui, lisas como latão ali: aquilo era um trabalho de entalhe, com certeza. Quem sabe a caverna inteira fosse obra de escultores de outrora?

– Aqui a luz é proibida.

O sussurro de Kossil foi ríspido. No momento em que ela falou isso, Arha compreendeu que precisava ser assim. Aquele era o próprio lar das trevas, o centro mais interno da noite.

Por três vezes seus dedos passaram por uma lacuna no complexo negrum rochoso. Na quarta vez, ela tateou a altura e a largura do vão e entrou. Kossil foi atrás.

Naquele túnel, que tornava a subir com ligeira inclinação, elas passaram por uma abertura à esquerda, depois uma ramificação que as levou para a direita – tudo por meio do tato, apalpando, na cegueira do subterrâneo e no silêncio do interior da terra. Numa passagem como aquela, era preciso estender as mãos quase constantemente para tocar os dois lados do túnel, a fim de não deixar escapar uma das aberturas que precisavam ser contadas ou para que as bifurcações do caminho não passassem despercebidas. O tato era o guia solitário; não se podia enxergar o caminho, apenas dominá-lo nas mãos.

– Este é o Labirinto?

– Não. É o dédalo menor, que fica embaixo do Trono.

– Onde é a entrada do Labirinto?

Arha estava gostando daquele jogo no escuro, queria que lhe fosse apresentado um quebra-cabeça maior.

– A segunda abertura pela qual passamos é a Tumba Inferior. Agora tateie para encontrar uma porta à direita, uma porta de madeira, talvez já tenhamos passado por ela...

Arha escutou as mãos de Kossil tateando a parede, desajeitadas, arranhando a pedra áspera. Manteve a ponta dos dedos encostada de leve na rocha e, dali a um momento sentiu a textura lisa da madeira. Fez pressão e a porta se abriu facilmente com um rangido. Por um instante, Arha foi ofuscada pela luz.

Entraram num cômodo amplo e baixo, com paredes de pedra cinzelada e iluminado por uma tocha fumegante que pendia de uma corrente. O lugar cheirava mal por causa da fumaça que não tinha por onde sair. Os olhos de Arha arderam e lacrimejaram.

– Onde estão os prisioneiros?

– Ali.

Ela enfim se deu conta de que os três montes no lado oposto da sala eram homens.

– A porta não está trancada. Não há nenhum guarda?

– Não é necessário.

Arha adentrou um pouco mais a sala, hesitante, perscrutando tudo em meio à névoa de fumaça. Os prisioneiros estavam presos pelos dois tornozelos e por um dos pulsos a enormes argolas encravadas na parede rochosa. Se um deles quisesse deitar, seu braço acorrentado teria que ficar para cima, pendurado no grilhão. O cabelo e a barba dos homens haviam formado um emaranhado compacto que, somado às sombras, escondia seus rostos. Um deles estava meio deitado, os outros dois, sentados ou agachados. Encontravam-se nus. O odor que vinha deles era ainda mais forte que o mau cheiro da fumaça.

Um dos homens parecia observar Arha; ela pensou ter visto o brilho de seus olhos, mas depois não teve certeza. Os outros não se mexeram nem levantaram a cabeça.

Arha desviou o rosto.

– Eles já não são homens.

– Nunca foram – retrucou Kossil, os olhos brilhando à luz avermelhada da tocha. – Eram demônios, espíritos selvagens que tramaram contra a sagrada vida do Rei-Deus!

Arha tornou a olhar para os prisioneiros, assombrada e curiosa.

– Como pôde um homem atacar um deus? Como foi isso? Você: como se atreveu a atacar um deus vivo?

O homem a encarou por entre o emaranhado negro do cabelo, mas não disse nada.

– Eles tiveram a língua cortada antes de serem mandados de Awabath – explicou Kossil. – Não fale com eles, senhora. São sórdidos. São propriedade sua, mas não para a senhora lhes dirigir a palavra, olhá-los ou pensar neles. São seus para dar aos Inominados.

– Como eles deverão ser sacrificados?

Arha já não olhava para os prisioneiros. Em vez disso, ficou de frente para Kossil, tirando forças daquele corpo maciço, da voz fria. Sentia-se tonta e o fedor da fumaça e da imundície a deixava enjoada, mas ela parecia pensar e falar com perfeita calma. Já não tinha feito isso muitas vezes?

– A Sacerdotisa das Tumbas é quem melhor sabe o tipo de morte que agradará a seus Senhores, e cabe a ela escolher. Existem muitas maneiras.

– Que Gobar, o capitão dos guardas, lhes decepte a cabeça. E que o sangue seja derramado diante do Trono.

– Como se fosse um sacrifício de cabras?

Kossil pareceu desdenhar da falta de imaginação da jovem. Arha ficou muda. Kossil continuou:

– Além disso, Gobar é homem. Nenhum homem pode entrar nos Lugares Tenebrosos das Tumbas, como minha senhora decerto recorda, não? Se ele entrar, não sairá...

– Quem os trouxe para cá? Quem os alimenta?

– Os guardiões que servem em meu templo, Duby e Uahto; eles são eunucos, por isso podem entrar aqui, a serviço dos Inominados, assim como eu. Os soldados do Rei-Deus deixaram os prisioneiros amarrados do lado de fora da muralha, e eu e os guardiões os trouxemos pela Porta dos Prisioneiros, a das pedras vermelhas. Sempre foi feito assim. A comida e a água são baixadas de um alçapão localizado numa das salas atrás do Trono.

Arha olhou para cima e viu, ao lado da corrente da qual pendia a tocha, um quadrado de madeira no teto de pedra. Era pequeno demais para a passagem de um homem, mas uma corda que descesse dali chegaria ao alcance exato do prisioneiro do meio entre os três. Ela tornou a desviar prontamente os olhos.

– Então, que não mandem mais comida nem água. Deixem a tocha se apagar.

Kossil se curvou.

– E os corpos, quando eles morrerem?

– Que Duby e Uahto os enterrem na grande caverna por onde passamos, a Tumba Inferior – respondeu a menina, cuja voz foi ficando acelerada e aguda. – Eles devem fazer isso no escuro. Meus Senhores comerão os corpos.

– Assim será feito.

– Está bem assim, Kossil?

– Está, senhora.

– Então vamos – disse Arha, muito esganiçada.

Deu meia-volta e retornou depressa para a porta de madeira, saindo da Sala dos Grilhões para a escuridão do túnel, que lhe pareceu doce e serena

qual noite sem estrelas, sem visão, luz ou vida. Arha mergulhou nas trevas e se precipitou por elas como um nadador na água. Kossil se apressou a acompanhá-la, ficando atrás dela e cada vez mais longe, arfando, arrastando-se. Sem hesitar, Arha evitou as passagens da ida, contornou a Tumba Inferior, vasta e cheia de ecos, e subiu, rastejante e recurvada, o último longo túnel até a porta fechada de pedra. Ali, agachou-se e bateu em busca da chave comprida no aro que levava na cintura. Achou-a, mas não conseguiu encontrar o buraco da fechadura. Não havia um cisco de luz na muralha invisível à sua frente. Seus dedos foram batendo, em busca de fechadura, trinco ou maçaneta, sem nada encontrar. Onde deveria entrar a chave? Como poderia sair dali?

– Senhora!

A voz de Kossil, ampliada pelos ecos, sibilava e reboava, muito atrás dela.

– Senhora, a porta não abre por dentro. Não há saída. Não há retorno.

Arha agachou-se, encostada na pedra. Não disse nada.

– Arha!

– Estou aqui.

– Venha!

Ela foi, engatinhando pela passagem como um cão, até as saias de Kossil.

– Para a direita! Depressa! Não posso me demorar aqui. Não é meu lugar. Siga-me.

Arha se pôs de pé e segurou a túnica de Kossil. As duas avançaram, seguindo por um longo trecho a parede estranhamente entalhada da caverna, tomando a direita e depois entrando numa abertura negra na escuridão. Então foram subindo por túneis e escadas. A jovem continuava agarrada à túnica da mulher. Mantinha os olhos fechados.

Fez-se luz, avermelhada através das pálpebras. Achando que era de novo a sala iluminada pela tocha e toda enfumaçada, Arha não abriu os olhos. Mas o ar tinha um cheiro adocicado, seco e bolorento, um odor conhecido. Seus pés pisaram numa escadaria quase tão íngreme quanto uma escada de mão. Ela soltou a túnica de Kossil e olhou. Havia um alçapão aberto acima de sua cabeça, pelo qual passou com esforço atrás da sacerdotisa. Ele levava a um cômodo que Arha conhecia, um quatinho de pedra que continha um par de baús e caixas de ferro, no amontoado de cômodos atrás do recinto do Trono. Cinzenta e fraca, a luz do dia lampejava no corredor para além da porta.



– A outra, a Porta dos Prisioneiros, leva apenas ao interior dos túneis. Não leva para fora. Esta é a única saída. Se existe algum outro caminho, nem eu nem Thar o conhecemos. Você deverá se lembrar dele sozinha, se houver algum. Mas acho que não há.

Kossil ainda falava em voz baixa e com uma espécie de rancor. Seu rosto pesado, sob o capuz preto, estava pálido e úmido de suor.

– Não me lembro das curvas para esta saída.

– Eu lhe direi quais são. Uma vez. Você deverá recordá-las. Não vou acompanhá-la da próxima vez. Aqui não é meu lugar. Você terá que ir sozinha.

A menina assentiu. Ergueu os olhos para o rosto da mulher e pensou em como parecia estranho, empalidecido pelo medo a custo dominado, mas triunfante, como se Kossil se regozijasse da fraqueza dela.

– Depois desta vez, eu irei sozinha – disse Arha.

Ao tentar se afastar de Kossil, sentiu as pernas bambearem e viu a sala rodar. Desmaiou encolhida aos pés da sacerdotisa.

– Você vai aprender – afirmou Kossil, imóvel e arfante. – Vai aprender.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)